

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA DE PEDAGOGIA

APARECIDA EDILENE ALVES DE ALMEIDA

**A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: DESAFIOS DE SE
CONTINUAR ENCANTANDO ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

URUAÇU-GO
DEZEMBRO/ 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA DE PEDAGOGIA

APARECIDA EDILENE ALVES DE ALMEIDA

**A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: DESAFIOS DE SE
CONTINUAR ENCANTANDO ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho Monográfico (TCC) apresentado à Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Uruaçu, 4º ano do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, como requisito Avaliativo, sob orientação da professora/especialista Rosangela Xavier Tavares.

URUAÇU-GO
DEZEMBRO/ 2014.

APARECIDA EDILENE ALVES DE ALMEIDA

**A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: DESAFIOS DE SE CONTINUAR
ENCANTANDO ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia defendida e aprovada em ____/____2014 pela Banca Examinadora
constituída pelas seguintes professoras:

ROSANGELA XAVIER TAVARES
PROF^a/ESPECIALISTA – UEG
ORIENTADORA DO TCC

ANGELA CRISTINA JÚLIO
PROF^a/ ESPECIALISTA – UEG
MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA

CLAUDIA REGINA
PROF^a/MESTRA – UEG
MEMBRO DA BANCA ARGUIDORA

Dedico exclusivamente em memória do meu pai Joaquim Alves de Almeida, que me encantou com sua arte de contar histórias.

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para seguir sempre em frente, sem desistir no meio do caminho, me dando forças nos momentos de dor e de tristezas por percas familiares.

Aos meus filhos; Gustavo César e Vitor Raphael, motivo maior por qual venho me esforçando e lutando sem cessar.

A minha cunhada Neiva Elenice Rodrigues Rosa de Almeida, pessoa de grande estima para mim, que me apoiou e fez com que eu me ingressasse numa Universidade.

A minha família que sempre se orgulhou da minha força de vontade de vencer na vida.

Aos meus colegas de curso que ao longo desses 4 anos estiveram ao meu lado, me incentivando e ajudando a vencer as dificuldades.

Aos meus mestres que contribuíram para o meu crescimento e para que hoje eu chegasse aonde cheguei. A minha professora orientadora Rosangela Xavier Tavares, por ter me conduzido e apoiado com carinho, profissionalismo e dedicação.

“Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças
possam morar”.

Monteiro Lobato

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida na área do Ensino Fundamental, de 1º ao 5º ano, especificamente nas séries iniciais. O tema: A magia da Contação de história: desafios de se continuar encantando alunos do ensino fundamental, foi elaborado a partir da preocupação de se perceber que no ambiente de trabalho da escola, ainda depara-se com professores sem motivação para praticar a contação de histórias em sua sala de aula. O objetivo da pesquisa elaborada com uma metodologia exploratória e de estratégia qualitativa/quantitativa, a partir do trabalho de campo com questionários, depois transformados em relatos de experiência, com quatro professoras contadoras de histórias, embora uma delas tenha confessado a falta de aptidão para a contação de histórias, é apresentar a contação de história como uma prática docente a ser trabalhada para contribuir com o desenvolvimento de crianças, ampliando suas habilidades, auxiliando na sua compreensão de mundo, uma vez que através desta estratégia poderão aperfeiçoar seu desempenho na sociedade de forma mais autônoma e crítica. Verifica-se no desenrolar da pesquisa teórica, através da fala dos autores que a contação de histórias é um mecanismo primordial para formação de leitores críticos e reflexivos. Voltar a encantar a criança diante do desafio embutidos nos meios de comunicação oferecidos, especialmente a televisão, é visto como algo difícil pelos professores que vêm aí, uma espécie de competição, exigindo do professor maior preparação no intuito de voltar a encantar dentro e fora da sala de aula. O professor no momento da contação deve envolver a criança de forma que ela viva um momento único capaz de despertar o interesse pela história. A contação de histórias foi e sempre será um fator importante da Literatura Infantil aonde as crianças poderão descobrir dentro das histórias um mundo diferente, proporcionando maiores possibilidades para a realidade em que vivem.

Palavras Chaves: Contação de histórias. Professores. Alunos. Escola. Família.

SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 Literatura infantil: quando começou o era uma vez no Brasil.....	10
2.2 A contribuição de Monteiro Lobato	11
2.3 Novas preocupações	13
2.4 O encanto da contação de história	15
2.4.1 O risco do desencanto	16
2.4.1.1 Por que não é tão fácil para o professor ser um contador de histórias ...	16
2.5 Voltar a encantar, eis o desafio	20
2.5.1 Os momentos pedagógicos na escola e o lugar da contação de histórias.	23
3 METODOLOGIA	26
3.1 Estratégia de trabalho	26
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	27
4.1 Sujeitos analisados	27
4.1.1 Professora contadora de histórias (A).....	28
4.1.2 Professora contadora de histórias (B)	29
4.1.3 Professora contadora de histórias (C)	30
4.1.4 Professora contadora de histórias (D)	33
4.2 Analisando os relatos: quando a teoria e a prática se encontram	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6 BIBLIOGRAFIA	43
7 WEBGRAFIA	44
ANEXOS	45
APÊNICES	48

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia vem abordar o tema, a magia da contação de história: desafios de se continuar contando e encantando crianças do ensino fundamental, que tem sido esquecido no universo escolar, tanto pelos professores como quanto pelos alunos em sala de aula. Diante desse quadro surge a problemática: por que a contação de história ainda não é assumida como parte da prática docente nas aulas do ensino fundamental?

O lúdico da contação de história está sendo quase que extinto da sala de aula, se transformando em mais um ato mecânico do docente. Talvez por não ser tão fácil a sua aplicação, alguns professores não sentem aptidão em narrar as histórias fazendo com que as crianças não reflitam sobre o que lhes está sendo contado. Está aí, uma das razões para que seja incentivada não apenas na escola, mas em casa também, ajudando as crianças a alimentar seu imaginário, possibilitando a recriação e contação de suas histórias, abrindo portas no desenvolvimento linguístico e enriquecimento o vocabulário, tudo isso de forma lúdica e prazerosa.

As escolas devem inserir na sua proposta pedagógica a contação de história por ser um momento rico que a criança estará incluída. A narração é uma arte de se criar novas histórias fazendo com que seja cada vez mais prazerosa para o desenvolvimento do cognitivo das crianças, daí a necessidade de que os professores trabalhem essa prática.

Apresentar a contação de história como uma prática docente a ser trabalhada para contribuir com o desenvolvimento de crianças, ampliando suas habilidades, auxiliando na sua compreensão de mundo, uma vez que através desta estratégia poderão aperfeiçoar seu desempenho na sociedade de forma mais autônoma e crítica deve ser compromisso da escola. Para que este processo ocorra, seria ideal a parceria entre a escola e a família, permitindo, incentivando e proporcionando o desenvolvimento do hábito de escutar e ler histórias, considerando como uma das atividades mais importante no despertar da sensibilidade, da memória, da fantasia e da imaginação da criança. É por meio deste contato irá adquirir um vocabulário mais rico e a ampliação do seu conhecimento para fazer sua própria leitura do mundo.

Para melhor compreensão da contação de história é necessário o conhecimento de como surgiu a literatura infantil no Brasil, que teve início entre os séculos XVII e XVIII, ressaltando a necessidade de uma infância para as crianças que eram tratadas como sendo um adulto em miniatura; assim fazendo uma análise sobre o que era infância e os livros que eram escritos para as mesmas, surgiram os livros infantis. Começam então a surgir escritores preocupados em atender o universo infantil, sendo Monteiro Lobato considerado o maior escritor infantil da época, escrevendo livros infantis baseados na vida e na imaginação de crianças.

Para realização do trabalho de campo escolhido para enriquecimento desta pesquisa foi escolhida a estratégia do relato de experiência com professoras que trabalharam e trabalham nessa área, facilitando a aquisição de informações sobre a temática proposta.

Através dos relatos espontâneos partilhados pelas professoras, que permitiram, juntamente com a teoria estudada, foi possível a chegada de algumas conclusões sobre a proposta motivadora levantada sobre este trabalho. Essas professoras foram fundamentais no desenvolvimento da pesquisa, pois por meio desses seres humanos foi possível enriquecer o estudo que envolve o papel da contação de história na vida estudantil dos alunos da educação básica, especialmente na primeira fase do ensino fundamental e a possibilidade de criação de novas estratégias para o fortalecimento do hábito da leitura.

Com percebemos o relato foi meio principal de compreender a contação de história e o uso das várias narrativas em sala de aula, pois bem a literatura é rica com variações de escrita com de compreensão do que está lá escrito, fazendo com que as crianças reflitam sobre as várias formas da escrita e de seu entendimento

É importante ressaltar que utilização da literatura infantil no contexto escolar traz um leque de possibilidades que proporcionam o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Neste sentido, pode ser considerado grande aliado para nos ajudar no contexto presente no cotidiano escolar. Além disso, por meio da contação de história são possibilitadas condições para que as crianças sintam prazer de ler e até deem asas a imaginação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Literatura infantil: quando começou o era uma vez no Brasil

Os primeiros livros para infância só surgiram nos séculos XVII e XVIII, quando foi percebida a necessidade de uma infância para as crianças, pois até então não havia a preocupação do núcleo familiar para com a criança. Mas, com as várias mudanças econômicas e culturais das épocas citadas, surge à necessidade de um novo olhar para os membros familiares, com atenção especial para as crianças que precisavam também de brincar, passando a serem vistas como um sujeito com expectativas em se tornar um adulto preparado para o futuro.

Neste contexto foram criados os livros infantis, que a princípio serviam como modelos de regras sociais como, por exemplo, obediência e limitações, entre outras, impostas pela sociedade, onde as crianças conseguiriam através da leitura e por meio da imaginação, encarnar tais modelos sociais.

A literatura infantil nasce então, com o objetivo de instruir a ideologia instalada na época, mas vale ressaltar que até hoje é difícil encontrar um livro que não expresse a ideologia da sociedade vigente. Como Zilberman resume:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, não inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (1994, p. 13).

Como foi comentada pela autora, a infância começa a aparecer, com isso surge à necessidade da literatura na escola, aparecendo então no Brasil às primeiras edições de livros infantis, no século XIX com característica didático-pedagógica para ensinar as crianças os modelos ideológicos, como já citados, “era, portanto, uma literatura para estimular a obediência, cuja história acabava sempre premiando o bom e castigando o que era considerado mal”. (ALMEIDA, 2011, p. 15). Os primeiros livros editados no Brasil foram traduzidos dos europeus, pois não existiam escritores que pensavam em escrever para o público infantil, sendo este

levado em conta com os modelos sociais vigentes da época e não como modelo didático-pedagógico.

2.2 A contribuição de Monteiro Lobato

Com o surgimento da necessidade e a cobrança de novos olhares sobre como era tratada a infância nos livros literários infantis, acabou por se tornar urgente uma nova literatura infantil. Surge então o nome de Monteiro Lobato, que tinha a preocupação em escrever os livros com uma linguagem simples e com o contexto histórico relacionado ao convívio de uma infância familiar.

O escritor pensou primeiramente na criança e não nas regras gramaticais da escrita, de tal modo que quando a criança lesse a história pela primeira vez, compreendesse o que ele queria mostrar, trazendo a antiga tradição da contação de história oralmente, porém expressa dentro da história escrita. Lobato fez uma revolução no modo de escrever e de pensar da infância, tornando-se um marco na literatura infantil, sendo que:

A grande virada ocorreu com a publicação, em 1921, de *A menina do narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato, o qual revelava a preocupação em escrever histórias para a criança numa linguagem compreensível e atraente para ela, objetivo plenamente alcançado pelo autor, cuja obra é um dos pontos mais altos da literatura infantil brasileira. Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador. Em seus textos, o discurso flui espontaneamente, com o resgate da situação original que dá sentido ao processo comunicativo. A criação de uma personagem-narrativa – Dona Benta, que conta as histórias para as crianças – recupera o clima das antigas narrativas orais (MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001, p. 27).

Como ressaltam os autores, foi Lobato quem modificou a escrita infantil, trazendo um pouco da cultura regente das pequenas propriedades rurais, onde a criança poderia criar seu próprio mundo de fantasia e descobrir as realidades existentes no mundo dos adultos. Além disso, mudou o olhar sobre como a criança seria empregada em suas histórias, tornando “os meninos heróis, o que possibilitava uma identificação imediata com o leitor” (ZILBERMAN, 1994, p.55).

No Brasil alguns escritores não tiveram a mesma atenção com a escrita para as crianças, mesmo com a valorização dos movimentos literários, como o

Romantismo, o Regionalismo ou o Modernismo. Porém, Lobato, sendo um escritor que valorizava a cultura brasileira, criou para os leitores alguns personagens imaginários como Saci Pererê e outros, sem esquecer também da mitologia clássica da Europa e da religião, permitindo a criança um olhar de mundo global e existencial, através das várias culturas.

E Zilberman, explica melhor:

No Brasil, deu-se por muito tempo o transplante da tradição estrangeira, sendo que as narrativas orais de cunho local não receberam atenção similar mesmo durante a vigência de movimentos literários de cor nacionalista, como o Romantismo, o Regionalismo ou Modernismo. Foi Monteiro Lobato quem procurou incorporar este acervo às suas histórias, através do aproveitamento de certas personagens, fantásticas, como o Saci Pererê, histórias, como Hans Staden, [...]. Por outro lado, se a ambiência modernista do autor transparece em tais procedimentos, cabe à ressalva de que ele empregava igualmente a mitologia clássica (como em *O minotauro* ou *Os doze trabalhos de Hércules*) e personagens oriundos da literatura europeia (Peter Pan, D. Quixote) ou religião (S. Jorge, em *Viagem à Lua*), integrando o universo infantil de suas pessoas imaginárias e leitores à história nacional e ocidental, assim como ao mundo cultural que os cerca. (1994, p. 56).

Como mencionado por Zilberman, Monteiro Lobato foi um dos grandes inovadores da escrita e do olhar sobre a infância, mas com tudo, sua criatividade foi como se esgotando, assim como seu repertório sobre o mundo infantil por volta de 1940, se aposentando e criando como que uma pausa na criatividade dos escritores da literatura infantil brasileira, só melhorando a partir da década de 50, já por causa das novas tecnologias que foram surgindo na sociedade; mas como os escritores não sabiam o que fazer para produzir livros para essa nova infância, começaram a reproduzir os modelos lobatianos, “sem qualquer inventividade ou preocupação em retratar a diversidade cultural brasileira no seu linguajar próprio” (Morales, Papaléo, Goulart, Et al, 2001, p. 27), tornando como que um período de limbo¹, em que os escritores esqueceram sua criatividade, para somente serem imitadores.

¹ **Limbo** (do **latim**, "*limbus*": orla, debrum, margem, franja), segundo a **teologia cristã**, é um conceito de caráter **escatológico** presente, por exemplo, na **Igreja Católica**, que identifica os que permanecem "à margem" da presença de Deus, como as crianças que morrem antes do batismo ou os justos que viveram antes da vinda de **Jesus Cristo**. O **limbo** na **Igreja Católica Apostólica Romana**, é "*um lugar fora dos limites do céu, onde se vive de forma esquecida e sem a visão plena da eternidade e privado da visão beatificada de Deus*", não descartando a felicidade suprema e eterna.

2.3 Novas preocupações

Nos anos 60, as preocupações dos escritores infantis foram a de manifestar seu desapontamento com o Golpe Militar que proibiu a livre expressão sobre o que pensavam, sobretudo, sobre o que estava acontecendo no Brasil; mas habilmente, com o uso de linguagem figurativa, surge uma revolução criativa no modo de se expressar, esquecendo-se um pouco o lado pedagógico que esses livros deveriam ter para as crianças, passando a servir como canal de reprodução do descontentamento entre os adultos. Morales, Papaléo, Goulart ressaltam:

Os anos 60 iniciaram-se de forma cultural promissora, mas a revolução militar acabou reprimindo os segmentos da sociedade que, de alguma maneira, criavam produtos culturais que pusessem em risco ou questionassem o regime totalitário implantado. Diante da repressão, inúmeros escritores, e especialmente os de livros infantis, recorreram à linguagem figurada como forma de exprimir o que não era permitido. Surgiram daí obras de grande criatividade no uso de metáforas e símbolos. Algumas, no entanto, por caminhos diversos das propostas pedagógicas que povoaram o início da literatura infantil no Brasil, também serviram a um fim que não era o de oferecer um texto literariamente adequado à criança (MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001, p. 27).

Já nos anos 70 houve uma modificação no modo de pensar sobre o ensino, abrindo as portas das escolas para todos os públicos, “eliminando os exames seletivos; o livro passou a ser privilegiado e a criança a ser vista como consumidor em potencial, o que impulsionou as publicações de obras infantis” (MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001, p. 28).

Até a década de 80, o livro infantil era visto como um produto de consumo que dependia constantemente das variações que ocorriam nas manifestações de estilos que prejudicou sua qualidade; só uma coisa continuou sendo considerada boa, a expansão da escolarização e o aumento da cultura letrada. Sobre os livros do contexto atual, os autores já citados chamam a atenção:

Atualmente, a edição dos livros infantis tem merecido extremo cuidado no que concerne a papel, diagramação e, sobretudo, ilustração. Muitas vezes, vale mais a linguagem visual do que o texto escrito, o que, no mínimo, deve levar-nos a questionar o conceito de literatura infantil (MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001, p. 32).

Os autores comentam as mudanças ocorridas ao longo do tempo que fizeram aumentar a variedade textual na literatura infantil, incluindo também a metodologia de ensino dos pedagogos. Não somente em contar a história, mas também em mostrar como a literatura infantil pode ser rica em contextualizações e na criação de textos para cada época.

Segundo ainda, Morales, Papaléo, Goulart, Et,al, (2001, p. 87) “logo, quando procuramos estabelecer uma tipologia da literatura infantil, o fazemos a partir das concepções que hoje temos das formas que tomaram e tomam as obras para a infância” , tornando, assim, o trabalho pedagógico de narrar as histórias complicado e ao mesmo tempo prazeroso, com seus diferentes textos, tais como, as lendas, os contos, os mitos, etc. Porém, quando a criança compreende essas produções textuais da literatura, fazendo uma reprodução desse entendimento em seu meio social, mostra que os professores fizeram um bom trabalho com a leitura, despertando nos alunos o amor pelos livros, fazendo dessa relação não somente um momento de escutar a história sem poder expressar o que compreendeu ou entendeu aos outros.

A leitura de obras infantis/juvenis nas mais variadas manifestações (poesia, conto, fábula, apólogo, lenda, etc.) requer um olhar aguçado do professor para que não desvie o foco da atenção, uma vez que o simbólico na literatura traça seu percurso para a transcendência dos anseios humanos: encontros e desencontros, angústia, medo, tristeza, alegria, amor, dor, felicidade. Isso porque a literatura faz olhar, sentir, ser e construir-se dentro de um universo de possibilidades e também colabora para o processo básico da humanização e para a ressignificação da realidade que cerca o leitor (ALMEIDA, 2011, p. 53).

Como dito por Almeida, a literatura pode levar a compreensão da realidade do cotidiano, mas também essas variações de textos existentes na literatura infantil podem produzir um ensino dominador e emancipador. Dominador, quando cria na criança um comportamento determinado pelo adulto, e emancipatório quando a criança lê e pode criar seu imaginário com liberdade, tendo uma percepção real do mundo onde vive. Entra então o papel do professor em ensinar as crianças a serem críticas, não aceitando tudo pronto sobre o que acontece na sociedade da qual fazem parte, possibilitando que sejam capazes de analisar dentro do livro o que a

perturba no seu íntimo, não aceitando tudo caladas sem poderem expressar o que estão sentindo sobre a leitura.

De acordo ainda com Almeida:

[...] a literatura infanto/juvenil desempenha um papel importante, no sentido de desalienar a criança, o que significa não entregar pensamentos prontos, mas ensinar a pensar. Sem esquecer que está fazendo arte, reconstruindo o mundo, a literatura voltada para crianças e jovens leitores deve propiciar a formação de uma consciência crítica, contrária àquela que contorna os problemas, que os aceita e permite ficarem como estão (2011, p. 58).

Como o autor revela, a literatura infantil é um instrumento de aprendizagem tanto do modo desalienante, como o de alienar as crianças, cabendo aos professores saber como vão repassar esse conhecimento que está implícito na literatura.

2.4 O encanto da contação de história

Muito provavelmente, a criança não deve ter tido o primeiro contado com a contação de história somente em sala de aula, com certeza, a maioria já deve ter escutado alguma história em casa pelas avós, madrinhas, mães e pais.

As histórias contadas para as crianças possibilitam a descoberta de lugares e culturas diferentes (éticas, valores sociais, econômicos, etc.), fazendo-as compreender muitas vezes os diferentes conteúdos escolares, de maneira mais prazerosa, pois de acordo com Abramovich (1994, p. 17), tal prática “[...] deixa de ser literatura, deixa de ser apenas prazer e passa a ser didática”.

Na contação de histórias devemos considerar que as crianças não conhecem o livro ou conhecem a história de outra forma, não como está sendo contada pela professora. Nem sempre é fácil contar uma história para esse público, pois é necessário conhecer o livro, a história para poder repassá-la com “emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte...” (ABRAMOVICH, 1994, p. 20). Cada história encanta diferentemente cada pessoa, isso exige do professor/contador de história, o prévio trabalho com uma narração que encante sem esquecer-se do que seu aluno está precisando para o seu conhecimento; toda história pode ajudar tanto no conhecimento intelectual, quanto moral do ouvinte. A autora ainda ressalta que:

O critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto textos e enquanto pretexto...). (ABRAMOVICH, 1994, p. 20).

Podemos entender que quando começamos a contar uma história para as crianças, devemos primeiramente criar um clima de magia, ou melhor, deixar pairar o mistério e para fazer isso é necessário, por exemplo, começar com uma frase que demonstre esse momento, hora do famoso “era uma vez”, que demonstra tanto o mistério quanto a magia dentro da história que está sendo contada. Porém, podem ser utilizados outros tipos de frases proporcionando as mesmas sensações.

2.4.1 O risco do desencanto

Infelizmente nem toda criança teve e/ou tem a oportunidade dessa vivência com a contação de história em casa; nesse espaço, vazio para a criança, pode entrar o professor proporcionando o prazer em escutar o “era uma vez”; mas por dificuldades de interação ou por simplesmente não gostarem de tal prática, alguns docentes preferem não utilizar tal recurso lúdico, pois acreditam ser uma obrigação familiar e não escolar.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada (ABRAMOVICH, 1994, p. 16).

Como já mostrado pela autora, alguns professores apresentam dificuldades em contar história, por ser necessária uma volta à infância, a sua infância, para depois chegar a seus alunos. O gosto por essas lembranças é facilmente percebido pelos alunos que embarcaram na magia da narrativa de seu professor/contador de história.

2.4.1.1 Por que não é tão fácil para o professor ser um contador de histórias

Quando lemos o título do subcapítulo aqui apresentado, já vem na cabeça à crença de que se deve exclusivamente aos professores o ensino da leitura para que as crianças construam sua própria compreensão e façam brotar seu entusiasmo em querer ler outros livros; mas não são apenas os educadores que tem essa obrigação, cabendo também aos outros profissionais da área da educação proporcionar o equilíbrio entre as duas partes: conhecimento escolar e o conhecimento cotidiano (e as tecnologias), fazendo com que os alunos não tenham dificuldades em apreender os códigos da escrita como, por exemplo, não querer ler em público ou sozinho.

Como afirmam Morales, Papaléo, Goulart (et al, 2001, p. 134), “formar leitores é tarefa complexa que desafia professores, bibliotecários e educadores em geral, especialmente nesta época tão dominada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela televisão”.

Como mencionado pelos escritores, à tecnologia já estava presente nas casas dos alunos, dificultando ainda mais que os alunos prestassem atenção nas aulas ou contação de histórias de maneira prazerosa, pois na maioria das vezes, o único recurso é tão somente a voz, sem a utilização de materiais didáticos para enriquecer a narrativa.

Com a urgência de mudanças no modo de ensinar, os professores têm a idéia de trazer a tecnologia para auxiliar na aprendizagem dos alunos em sala de aula, com isso, acreditam que seria um mecanismo mais fácil de fazer com que seus alunos compreendam o conteúdo que está sendo trabalhado, mas é preciso ser ressaltado que poderão surgir problemas na sala de aula, um deles a própria falta de conhecimento dos professores em dominar basicamente as tecnologias existentes no espaço escolar, o que causa insegurança sobre o como fazer para os alunos apreenderem e refletirem sobre o conteúdo que está sendo apresentado.

[...] pensaram a inovação como a utilização de tecnologia em aula. A tecnologia, com o desenvolvimento da televisão educativa e da informática nos programas educativos, deu conta destas preocupações nas últimas décadas e criou situações e materiais para os diferentes meios. No entanto, nem todas as situações ou os materiais foram do mesmo valor. Por exemplo, os graus de novidade que traz conseguem introduzir um meio, pode influir momentaneamente no interesse, mas esta introdução pode ser de qualidade apenas se sobrepõe novos conteúdos e formas de abordagem reflexiva (LITWIN, 1997, p. 5).

Comentado pelos escritores e comprovado no contexto escolar, a tecnologia é importante para a escola, dentro ou fora dela, mas primeiramente os professores têm que saber analisar o que a tecnologia pode provocar em seus alunos e planejar uma estratégia que os façam compreender o que está sendo produzido; afinal, é o principal meio de massa comunicativa; o rádio, podendo ser trabalhado na escola, por exemplo, no intervalo das aulas, como meio de contar histórias e informar sobre os acontecimentos da unidade de ensino, ou mesmo sobre o que acontece no mundo, trabalho esse podendo incentivar a participação efetiva dos alunos.

É importante, tanto no campo escolar como no extra-escolar, que se estimule o desenvolvimento de uma atitude que possibilite a recepção, reflexiva e autônoma, da mensagem emitida pela multimídia. [...] A análise das características do rádio, da forma como se constrói e trata a informação, permitirá desenvolver ferramentas conceituais para uma escuta reflexiva (SCHEIMBERG, 1997, p.51; 67).

A análise aqui apresentada pelos autores sobre as tecnologias chama a atenção sobre que esse meio de comunicação entre os seres humanos (a televisão) pode trazer um grande conflito entre mostrar o que está passando através dos conteúdos e o que está implícito sobre os modelos da sociedade; o problema vem da imagem que pode refletir várias ideias sobre um assunto que está sendo passado.

Cada pessoa tem uma observação diferente das outras sobre um assunto, ainda mais, quando são vídeos, que podem trazer entendimentos diferentes até da ideia do professor, mas ao mesmo tempo, possibilita aos alunos fazer uma relação entre ambos e também sobre o modo da sociedade responder a isso. Outro cuidado sobre a tecnologia é o prejuízo que esta pode causar no pensamento do aluno se o professor não souber trabalhar com tal recurso.

Atualmente, a cultura letrada enfrenta uma crise provocada pelas novas tecnologias audiovisuais: grande parte da informação que dá acesso ao saber passa pela imagem, e não se trata apenas de informação como tal; além disso, sustenta-se que estas mudanças estão produzindo em nossas sociedades novas condições de saber, novas formas de sentir e de sensibilidade, novos modos de se encontrar e de sociabilidade. (ROIG, 1997, P. 72).

É difícil de encantar as crianças com a contação de histórias diante deste contexto, pois o meio de comunicação de massa, especialmente a televisão, leva até

as crianças a informação por meio do lazer, com seus desenhos infantis trazendo imagens e sons que chamam a atenção, produzindo análise rápida sobre o que está sendo mostrado; hoje se pode citar

o fenômeno da Galinha Pintadinha² que vem como que hipnotizando crianças no Brasil inteiro.

No entanto, por outro lado, a contação de história se apresenta como grande dificuldade para os professores, que necessariamente deverão saber como contar a história para que os alunos compreendam o que está sendo narrado pelo contador. Para que isso aconteça o professores têm que ser tanto bons oradores quanto competentes artistas corporais, assim mostrando as ações dos personagens com a sua fala, dando ênfase na história contada, ajudando os alunos a imaginar o que está acontecendo naquele momento.

Ai está outra dificuldade, ou seja, a exigência que o professor se expresse corporalmente, mudando por vezes, também a voz e a sua tonalidade de um personagem para outro. Esses docentes têm medo de errar ou acreditam que não precisarão de tanto para contar uma simples história infantil, mas como já apresentado aqui, as crianças estão em um mundo globalizado, com informação rápida e de fácil compreensão, então surge a necessidade de tais professores mudarem também o seu modo de contar histórias para os alunos. Busato chama a atenção para o fato de que:

A imagem corporal antes de ser uma mímica da ação é um traço que preenche o espaço, traz a forma, o contorno, tem peso, consistência, direção e dimensão. É uma descoberta do contador de histórias, um fragmento da sua intuição que se manifesta no momento certo e que provoca no ouvinte-vidente, uma condição para imaginar a cena construída. Contar histórias implica criar imagens no ar e dar corpo ao que até então era inexistente. No instante em que o contador de histórias movimenta-se no espaço criando cenários, personagens e ações, com gestos diminutos ou ampliados; ele não está apenas conduzindo o nosso olhar para o que ele está gerando, mas também provocando a ilusão de que aquilo de fato existe (BUSATTO, 2011, p. 64).

Percebe-se que a contação de história é importante para os alunos, mas vale

² **Galinha Pintadinha** é um projeto infantil criado pelos publicitários Juliano Prado e Marcos Luporini. Em 2010, já com o apoio da **Som Livre** a equipe criou o segundo DVD, intitulado **Galinha Pintadinha 2**. O DVD também incluía cantigas clássicas, como "Atirei o pau no gato", "Alecrim Dourado", "Sapo Cururu" e "Se Essa Rua Fosse Minha". Já no primeiro mês, foram mais de 100 mil cópias vendidas, o que garantiu a premiação com disco de platina duplo.

chamar a atenção de que não é só para eles; os professores podem “aprender com as crianças, observando-lhe as reações, interpretando suas atitudes e refletindo sobre isso” (COELHO, 1997, p. 08), para construir um novo modelo de contação de histórias, pois nem sempre uma é igual à outra, sempre há uma diferença entre eles, os públicos.

Surge mais uma dificuldade para os professores, ou seja, nem sempre uma metodologia de contação de histórias serve para outra sala de aula (com outros alunos) ou outra história; então esses docentes devem observar e analisar seus alunos, buscando assim, uma nova maneira para contar histórias, buscando o intuito de “reativar o interesse por sua importância, reavivando-a na lembrança dos que me escutam” (COELHO, 1997, p. 08).

Então à hora de contar história é somente o momento em que o professor a conta esquecendo que existe o convívio entre ele e seu aluno, o que acaba sendo um gostar entre ambos, que faz tanto o aluno apreender quanto o faz procurar, enquanto profissional comprometido com sua docência, novas técnicas de contação de história. Coelho destaca ainda que:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas (COELHO, 1997, p. 09).

Como já revelado pelo autor todas as pessoas tem o dom de contar histórias, depende delas, cultivar e melhorar na preparação dos momentos em que estarão contando suas histórias, assim criando um laço entre ouvinte e contador, abrindo uma porta para ampliar o conhecimento recíproco e integrador entre alunos e professor.

2.5 Voltar a encantar, eis o desafio

Abramovich (1994, p. 21), sugere que “[...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encantamento... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, [...]”. É necessário que o professor também trabalhe com o final da história

para que não acabe com a magia, mas que faça com que seus alunos queiram construir ou elaborar uma nova história, para isso deve saber terminar cada uma delas.

E é bom saber dizer que a historia acabou dum jeito especial: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... Ou simplesmente respeitar fundo, olhar bem nos olhos e pronunciar “Fim”. Ou... Ou... (ABRAMOVICH, 1994, p. 22).

A autora afirma que ouvir história não deve ser somente para as crianças ou pessoas alfabetizadas; ouvir historia deve ser para todas as idades; alfabetizados ou letrados, todos devem ter a oportunidade de sentir o prazer de escutar uma história, uma vez que esse momento ajuda no desenvolvimento de diversas habilidades.

Para Abramovich (1994, p. 23), “o ouvir história pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatro, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo [...]”. Vale aqui a ressalva de que quem não sabe ler ou escrever, seja por qual for o motivo, não deve ficar de fora na contação de história, pois existem livros que poderão auxiliar na tarefa de despertar o interesse na aprendizagem de coisas novas, surgindo aí o espaço até mesmo para se aprender a ler e escrever ou à volta aos estudos.

Como comentado posteriormente, o imaginário das crianças na compreensão das histórias infantis para auxiliar na resolução das dúvidas sociais em que ela vive, tais como: o que é ela? De onde vem? São filhos legítimos de seus pais, entre outras, uma vez as histórias significativamente trazerem o contexto social, embora com caráter infantil, utilizando linguagens simbólicas com fantasias imaginárias que as fazem refletir sobre suas indagações, sobre sua vida dentro daquela ou outra história, sem esquecer que quando bem trabalhada pelos professores. Ai começa uma preocupação entre esses docentes, ou seja, se estão contando a história corretamente possibilitando a reflexão de seus alunos sobre sua vivência e sobre os seus conflitos íntimos.

A magia e o encanto que os contos de fadas transmitem até hoje estão no fato de que eles não falam à vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis. Os exageros fantásticos, como ficar preso numa garrafa por séculos, dão aos contos veracidade psicológica, enquanto que

explicações realistas podem parecer mentirosas na ótica infantil, embora sejam verdadeiras mesmo. Porque trabalham com uma linguagem simbólica, os contos não se prendem à contingência do real e veiculam mais de uma significação. Assim, a criança encontra na literatura respostas às questões vividas e às dúvidas típicas de suas faixas etárias. (LILIANA, PAPALÉO, GOULART, 2001, p.80).

Fica ressaltado pelos autores que contar história deve buscar transmitir uma alegria no olhar dos professores para encantar as crianças com as várias tonalidades de sons por eles produzidos no momento da contação, por exemplo, assim fazendo uma cumplicidade entre eles e seus alunos, possibilitando a liberdade para brincar de recontar a história de outra forma, ou mesmo ajudá-lo momento da contação; essa liberdade na sala de aula ajudará para que o medo em fazer perguntas sobre os conteúdos didáticos não tenha lugar.

Mas ainda tem lugar a dificuldade dos professores em dar essa liberdade no momento da contação de história, por pensarem que no momento que estiverem ensinando o conteúdo didático, o aluno poderá não prestar atenção e conseqüentemente não o assimilá-lo de maneira correta, mas isso tem chegar ao professor como desafio para que tenha a sala sob controle e ao mesmo tempo fazê-lo ter segurança no trabalho que tem que realizar e que é apenas seu.

[...] ler história para crianças, sempre, sempre... É pode sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto o jeito de escrever dum autor e, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeiras, de divertimento.... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens buscam soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo)...). É a cada vez ir identificando com outra personagem (cada qual momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontra um caminho para resolução delas [...] (ABRAMOVICH, 1994, p. 17)

A cumplicidade dos alunos com os livros infantis pode começar pela escolha do professor, assim como a da linguagem para que os alunos tenham um substancial desenvolvimento de seu interesse, pois como afirma Coelho (1997, p. 20), “com a prática, a escolha se torna mais rápida. É preciso, porém, começar e descobrir quanta história maravilhosa há por aí, para sempre aumentar o repertório,

incursionando no vasto campo da literatura infantil”.

A esses professores que veem a contação de história com um meio simplesmente das crianças manusearem os livros esquecendo que existe algo, além disso, como um momento de aprendizagem entre ambos, fazendo com que os dois tenham união ao conhecer algo novo ou mesmo já conhecida; é preciso a percepção de que algo precisa ser feito para que o novo adentre a prática docente. Para que isso ocorra tem que saber que existem recursos que poderão ajudá-lo nesse momento, não criando barreiras para que seu aluno venha a sentir prazer de ouvir e ler as histórias dos livros infantis. A muitos recursos como a narrativa com livros e gravuras e outros que podem ajudar os professores a terem uma ideia no momento da exposição do livro para seus alunos.

Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la. Os recursos mais utilizados são: a simples narrativa, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafo, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes (COELHO, 1997, p. 31).

Coelho afirma que contar história não é difícil, só precisa dos professores criem gosto e prazer em sua contação, com a técnica e o recurso necessários, vai aprendendo no momento em que estão em sala de aula, sem esquecerem que devem aliar o saber teórico a esses recursos. Não é necessário o medo e a insegurança por vezes é normal, só deve saber que está levando a alegria e também a aprendizagem para seus alunos e, como consequência terá aumentado o seu próprio conhecimento.

2.5.1 Os momentos pedagógicos na escola e o lugar da contação de histórias

O momento pedagógico em contar uma história na sala de aula tem a sua dificuldade em acontecer, pois ocorre que os professores acreditam que o momento de ler o texto para os alunos e somente um complemento das aulas, e não uma ajuda no conhecimento do aluno no que vai ser aplicada no decorrer da aula. É mais fácil deixar o aluno ler o texto em voz baixa do que fazer uma contação de história, pois o professor tem que analisar o texto antes de ser contado, fazer os materiais pedagógicos (fantoche, livro grande e etc.) para ser aplicado no momento em que esta sendo contado. Quando os alunos têm essa magia com os livros que a

contação de história traz, pode também prejudicar o interesse deles para ler os livros, trazendo o interesse por outras áreas tecnológicas (como televisão, brincar fisicamente e etc). Tem alguns educadores que pensam que o aluno deve só saber ler somente, mas a leitura começa com a contação de história que traz um interesse em conhecer os livros, as duas metodologias devem ser trabalhadas junto para que os alunos criem uma vontade de ser um leitor ativo.

Em todos estes casos, o que se constata é que se atribui uma tarefa educativa à literatura infantil, complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ ou na escola, o que garante sua necessidade e importância no seio da vida social. Por esta mesma razão, o não preenchimento de algumas destas funções ou de todas elas – seja porque a criança não lê, preferindo brincar, ver televisão, etc., seja porque certos textos são considerados nefastos – pode desencadear a polêmica e a busca de uma correção de rumos, visando à reintrodução do hábito da leitura, pesquisando novas linguagens, reavaliando o poder de alcance do gênero artístico (ZILBERMAN, 1994, p. 36).

Segundo o autor a literatura não é somente para aprender a ler a palavras que contém no texto, mas na verdade “objetivo central de uma obra literatura é o trabalho do autor no desenvolvimento de um assunto com intuito de ensinar alguma coisa” (ALMEIDA, 2011, p.65), aí cabe aos professores compreender o tipo do texto que vai contar para depois saber o que ensinar com matemática, história, etc., que pode está implícito no texto, também deve saber trabalhar com as vertentes existentes na literatura como a ilustrações, aspectos gráficos, visuais, humorísticos, absurdos, maravilhosos, etc., e os professores tem que conhecer e saber com usar essas vertentes no momento da contação de história em sala de aula, para que isso tudo possa ajudar os professores devem começar criando um ambiente em que os alunos agradem e compreenda que a leitura é importante tanto em sala de aula como na sociedade.

O professor não apenas deve sugerir como também estimular seus alunos, por meio de uma atmosfera agradável, e propiciar um ambiente que convida à literatura na própria sala de aula ou mesmo fora dela, demonstrando, assim, que essa é uma atividade importante e indispensável (ALMEIDA, 2011, p. 69).

Como mencionado por um autor que a leitura e a contação de história é trabalhado juntos para que os alunos criem sua habilidade em apreender a

necessidade do uso da escrita em seu mundo social, a contação ajuda a criança por meio da imaginação o que quer ler um livro, mas não pode ficar somente por conta do professor em contar histórias em sala de aula deve também que os alunos contem alguma história para os outros alunos, sendo em grupo ou individual, usando o teatro ou fantoche e outros materiais, um meio em que os alunos expressem sua idéia sobre o que leu.

A esse respeito, então, destacamos que a função do professor não deve se limitar ao ensino da leitura, mas, principalmente, criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias. Ou seja, o professor, como mediador, deve dar um auxílio do diálogo entre o texto e o leitor. Isso não significa que ele deverá ler pelo aluno, mas ao contrário, passará a ler com o aluno (ALMEIDA, 2011, p.70).

Como Almeida menciona, o professor é só um auxiliar da contação de história. Podendo trabalhar como a elaboração dos materiais didáticos em sala de aula que vai ser usado na contação de história, juntamente com os alunos para que eles compreendam que tudo tem sua dificuldade em ser elaborado tanto aula de contar história como um livro infantil, fazendo com que eles interprete a importância da união entre ambos para fazer algo, levando para a aprendizagem de ler e escrever, que sempre deve trabalhar em grupo para conseguir algo.

[...] a interpretação é algo subjetivo, que implica abordagens distintas e ativas; é, conseqüentemente, pessoal, única, própria não apenas de cada um, mas também do momento e da situação em que se lê. Por exemplo, ao ouvir uma música, cada um consegue senti-la e vivê-la à sua maneira, dependendo do momento que está vivendo, do lugar que está ouvindo, etc. (ALMEIDA, 2011, p. 72).

Como mencionado pelos autores se a contação de história fosse fácil todos os professores estaria aplicando em sala de aula, mas não é tão fácil, não é só chegar à sala de aula e contar alguma história, tem todo um planejamento em que o professor vê a necessidade que a sala de aula está precisando. Contar uma história sempre precisa de materiais pedagógicos, não é somente ir com uma folha para ler aos alunos, e sempre o educador deve trabalhar junto com os educando para elaborar esses materiais na aula de arte como sendo um complemento. Não é tão fácil contar história, mas tanto gosto e amor pelo que faz sempre conseguem intuir no aluno o prazer em ouvir e ler as histórias.

3 METODOLOGIA

Para realização desta etapa do trabalho foi escolhida a metodologia indutiva, uma vez que a estratégia do relato de experiência aqui apresentada partirá de fatos particulares comprovados que facilitaram a aquisição de conhecimentos sobre a temática proposta, através dos relatos espontaneamente repassados pelas professoras, sujeitas da pesquisa, que permitiram ainda a chegada de conclusões para o trabalho.

As professoras entrevistadas foram fundamentais no desenvolvimento do trabalho, pois por meio desses seres humanos foi possível enriquecer a temática proposta sobre o papel da contação de história na vida estudantil dos alunos da educação básica e a possibilidade do fortalecimento do hábito da leitura.

3.1 Estratégia de trabalho

O trabalho de campo ocorreu no período compreendido entre os meses de agosto a outubro de 2014. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a entrevista que após, juntamente com as professoras entrevistadas, foram transformadas em relatos de experiências em conjunto com a acadêmica-pesquisadora.

De alguma forma o que aqui se buscou foram relatos de pessoas que compartilharam sua visão e experiência sobre uma temática proposta. É claro que ao se ler o resultado, não será encontrado nada de absolutamente novo, mas sim modos diferentes de olhar, pensar e atuar sobre determinada realidade a partir de caminhos traçados e percorridos numa apropriação de conhecimento sobre o assunto, este sim, bastante pessoais.

No decorrer da pesquisa alguns pontos abordados foram planejados com antecedência, porém outros surgiram no decorrer das conversas e relatos que as professoras compartilharam. A partir daí, desses relatos, surgiu à necessidade de apresentá-los, pois retratam momentos profundamente instigantes, prazerosos e desafiadores sobre a questão da leitura e o quanto a contação de história pode ser um recurso enriquecedor nesta missão.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Sujeitos analisados

Pesquisar com o outro, tomando-o sujeito desse processo, implica assumir que estes podem se expressar sobre o mundo partindo de seus horizontes, de onde advêm experiências, expectativas, desejos.

Compreender o que levou as professoras a se sentirem motivadas pela temática e nela aceitarem colaborar, investindo seu tempo e sua vontade num momento específico de sua caminhada pessoal e profissional é uma questão a ser ressaltada na explicitação sobre o lugar de onde as docentes ofereceram sua contrapalavra no desenvolvimento do trabalho. A partir de agora, serão oferecidos os relatos de experiência destas profissionais.

4.1.1 Professora contadora de histórias (A)

A professora contadora de histórias (A) é natural da cidade de Jaraguá-Goiás, mas atualmente reside na cidade de Goiânia e faz parte do Grupo teatral GWAYA – Contadores de histórias, desde o ano de 1998 e disse ser apaixonada pelo trabalho que desenvolve.

A mesma na sua entrevista se mostrou muito entusiasmada e segura das suas experiências.

A professora “A” relata que cursou Matemática e Linguagem das Séries iniciais na Faculdade de Educação e Letras, na UFG (Universidade Federal de Goiás), ela continua...

Assistia a uma apresentação do grupo GWAYA- Contadores de histórias e fiquei encantada, então entrei em contato com as componentes do grupo que estavam fechando um curso para docentes na cidade que eu morava, em Jaraguá-GO; o curso aconteceu e a partir deste evento me tornei uma contadora de histórias, isso desde 1998.

Vejo o ato de contar histórias como uma ação de benevolência, de doação, em que o contador sente extrema necessidade de dar de presente, ofertar ao outro um momento de prazer ao ouvir a história.

A prática de contar histórias exige um trabalho de preparação que está

alicerçado na escolha da história, na memorização, na finalização com gestual e voz e, isso toma tempo, é um processo que exige dedicação. Coimo demanda tempo, muitos professores desistem por não terem disponibilidade de se dedicarem a arte.

Como as escolas recebem recursos para a formação continuada, gostaria que todos os docentes ao menos tentassem participar de uma capacitação sobre este recurso, por exemplo, para desinibição, projeção de voz, entonação, dicção e ainda assim, se não se tornasse um contador de história, pelo menos, melhoraria sua desempenho enquanto aquele professor que lê histórias para os alunos.

Sinceramente acredito que contar história é uma atividade de mediação da leitura, porque quando contamos histórias e mencionamos o autor e o ilustrador, mesmo a editora, ao ouvinte é oportunizada a possibilidade de procurar a obra e ler, ou mesmo adquiri-la. Crianças, depois de uma sessão de histórias, ficam loucas para ler o livro, procuraram na biblioteca.

A interação é mediada pela troca de olhar do contador com o ouvinte. É como tecer um fio condutor que emociona nessa troca, tanto o contador, quanto o espectador. Já a interação, está só acontece, se o contador colocar na sua performance ações em que o público poderá participar efetivamente. Hoje em dia nas sessões para crianças procuramos prender a atenção fazendo perguntas sobre a história, personagens, o que acontecerá no momento seguinte ao que está sendo narrado. Em outros momentos usamos instrumentos, brinquedos, objetos, cantigas e eles participam efetivamente.

Tenham certeza que os benefícios da contação de histórias estão no prazer que é despertado quando se está frente a um público. Costumo observar e depois comentar em relatórios que as crianças ficam em estado de êxtase quando escutam uma história, mas isso se dá por causa do que os gestos sugerem na apresentação, pois cada gesto possibilita no imaginário do ouvinte as cenas que compõem a história e cada espectador imagina diferente, porque o gesto provoca e não dá a imagem pronta como a ilustração da história.

Se os pais são letrados ou não, mas valorizam na formação dos filhos a aquisição de livros ou a contação de histórias em momentos de reunião familiar, ela sempre promoverá a aproximação, porque as histórias sempre educam, divertem, emocionam, informam. E no contexto familiar, os pais podem estimular o gosto pela leitura e literatura contando histórias desde a primeira infância, contando histórias a elas, comprando-lhes bons livros, com histórias criativas e engraçadas.

Vejo que a única coisa que pode atrapalhar no momento da contação de histórias são os sons paralelos ou externos do ambiente. Uma vez quando contava histórias numa escola de periferia em Goiânia, durante a apresentação a diretora começou a servir sorvete para os alunos, ela ficou perplexa com o tamanho desrespeito. Costuma colocar na porta da sala de aula quando está apresentando um cartaz dizendo: Favor não incomodar, estamos ouvindo histórias.

Particularmente quase não uso recursos materiais, costumo utilizar as mãos nuas e procurando dar intensidade à história com a expressão facial e corporal. É muito importante a voz, e não tenho dificuldades para projetá-la. Procuo também fazer pausas quando há barulho, direcionar o olhar quando estão conversando e aumentar a voz sempre funciona bem.

Terminando este pequeno relato deixo um recado para os futuros contadores de: tentar, insistir, concentrar nos objetivos, ser criativo, dedicado, ler bastante e selecionar boas histórias.

Depois de tantos anos, frases como: Era uma vez..., Há muitos e muitos anos atrás..., causam em mim emoção, expectativa, tensão, êxtase com o silêncio e a plateia.

4.1.2 Professora contadora de histórias (B)

A professora contadora de histórias (B), é natural da cidade de Volta Redonda- Rio de Janeiro, é formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, trabalha como professora de séries iniciais e atualmente reside em Uruaçu-Goiás, local onde também trabalha.

Apesar de ser uma professora ainda jovem se mostrou um pouco resistente a entrevista deixando transparecer nos seus relatos, desânimo e desinteresse sobre o assunto. Eis o seu relato.

A contação de histórias entrou em minha vida quando me tornou mãe, mas falando a verdade não tinha muita prática, nem entusiasmo, faltava muita aptidão para histórias e como professora achava complicado, pois achava que para contar histórias, era preciso gostar, e não tinha essa certeza, que gostava de contar história. Para mim o professor tem que ser apaixonado pelas histórias, que não é o meu caso, senão não tem como fazer bem feito.

As escolas já não promovem eventos de contação de histórias e não me sinto

motivada a desenvolver essa prática, por conta de tantas outras atividades que são necessárias na sala de aula e principalmente por falta tempo.

Concordo sim, que as escolas deveriam desenvolver trabalhos com professores que se identificassem com a contação de histórias, mas também tenho que dizer que outros professores também não gostam de aperfeiçoar está prática, e não podemos ser obrigados a fazer isso.

Para mim a contação de histórias é uma maneira de fazer com que a criança tome gosto pela leitura, pois ela pode viajar pela sua imaginação e vendo um adulto ter esse hábito, a criança acaba gostando também, infelizmente não é o meu caso, pois quando criança não fui estimulada para o gosto pela leitura.

A meu ver uma boa professora de contação de histórias deve envolver o público, fazer com que as pessoas se sintam parte da história, e reconheço que isso não é uma tarefa fácil para mim.

A contação de histórias traz benefícios como, por exemplo, adquirir o hábito da leitura; A criança e o adulto passam a usar sua imaginação e melhoraram sua capacidade de escrita e de argumento e ficam mais a vontade ao falarem em público. Vejo que quando a contação de histórias acontece em casa com a família, é melhor, pois o contato e a relação entre o leitor e o ouvinte tornam-se mais íntimos e prazerosos e as etapas que citei como o hábito e a capacidade de escrita, são mais facilmente trabalhados na escola; os pais estão precisando praticar mais.

Sei que é obrigação do professor ao encontrar alunos que não se interessam pela leitura, conversar de maneira agradável com essas crianças e aos poucos ir apresentando livros que chamem atenção.

Não posso mentir, pois fiz um compromisso de falar a verdade para ajudar nesse trabalho, então reforço que para mim é difícil, sabe não tenho estratégias para a contação de história em minha prática, simplesmente escolho um livro e leio para meus alunos.

Frases como “há muitos e muitos anos...,” “Era uma vez...”, não lhe causam nenhum entusiasmo, é como uma frase qualquer.

4.1.3 Professora contadora de histórias (C)

A professora contadora de histórias (C) é natural da cidade de Uruaçu-Goiás, lugar onde reside até hoje, é uma senhora já aposentada. Segundo a mesma disse

já completou seu quinquênio na área da educação e já atuou em quase todos os cargos; hoje só pensa em descansar e recordar os bons momentos que viveu como contadora de histórias.

A mesma se mostrou cheia de orgulho ao ser entrevistada e poder nos contar um pouco da sua vida profissional enquanto contadora histórias. Eis seu testemunho.

Desde minha infância tinha muito interesse em teatro e poesia. Como não tinha oportunidades quanto ao teatro trabalhei bastante com a poesia nas escolas primárias.

Fiz curso de Supervisão Pedagógica e fui convidada para trabalhar na Subsecretaria Regional de Ensino, da cidade de Uruaçu, no norte de Goiás e o meu trabalho era exatamente visitar as escolas; em minhas visitas sempre cuidei para incentivar as crianças quanto à leitura em livros que continham figuras e sem textos; foi assim que consegui ligar minha função de educadora a de contadora de histórias e, de fato, incentivar à leitura.

Olha, o professor deverá ser incentivado através de capacitações e treinamentos mesmo, nos livros infantis, contando histórias, lendo e incentivando a interação com seus alunos, provocando-os a contar histórias também.

Infelizmente as escolas já não promovem mais eventos de contação de histórias como é preciso, justamente devido à falta de professores leitores. O público se mostrava bastante interessado quando eram feitos encontros na Subsecretaria Regional de Educação envolvendo todas as escolas de 1º ao 5º ano; nesse momento participavam todos os contadores de histórias das escolas convidadas.

Por muito tempo a Subsecretaria, levava uma equipe de professoras para Goiânia, Pirenópolis e a cidade de Goiás, para participarem de capacitações, naquela época era chamado de treinamento para contadores de histórias, que eu saiba hoje não se desenvolve mais essas formações. As escolas deveriam ter condições de continuar incentivando os professores a se prepararem melhor quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas na literatura infantil. Pena, por exemplo, não se incentivar mais como antes o que era chamado de Cantinho da Leitura³.

³ **Cantinho da Leitura** é um espaço, dentro da sala de aula, utilizado para, também, despertar nos alunos a prática da leitura. Nele, os alunos terão, de pronto, acesso às leituras diversas do conhecimento humano. Com este privilégio, além dos livros já disponíveis na Biblioteca da Escola, os

Considero que um dos benefícios da contação de histórias é incentivar a leitura tanto para as crianças como para os jovens e adultos, esse público pode ser despertado através da leitura de poesias, contos e trava-línguas.

É claro que a contação de histórias pode impactar nas relações familiares, incentivando nossos alunos, nossos filhos, nossos netos, mostrando bons livros, usando a leitura em voz alta, para toda a família. É um desafio para a família, principalmente para os pais, diante de um mundo corrido e cheio de tecnologia, mas não se pode desistir, tanto as famílias como a escola devem sentirem-se responsáveis para a realização desta tarefa.

Quando as crianças não se interessarem pela leitura, teremos que buscar ações que as estimulem, como mostrando livros, mesmo aqueles que não possuem textos e através das figuras, começar a criamos histórias. Sinceramente não tenho nenhuma dificuldade em contar histórias, porque fazia treinamentos diários diante do espelho de sua casa; temos que primeiramente gostar do que fazemos.

Como já disse, é preciso preparação, treinamentos, busca de estratégias; escolher os livros, selecionar os autores; treinar a história na sua linguagem; usar a língua dos bichos dentro dos livros da Literatura Infantil e coisas assim. Meus principais recursos, porém, sempre foram à emoção: o choro, os risos, as vozes e as expressões no rosto e nos gestos.

Para aqueles que querem contar histórias deixo meu desejo de que busquem aprimorar sempre sua profissão, com capacitações, treinamentos, lendo bastante livros e conhecendo os autores e acima de tudo buscando a interação que esse recurso oferece com seus alunos..

Para mim frases como, “Era uma vez...,” “Há, muitos e muitos anos. atrás...”; “Em um lugar distante daqui...”, me causam ainda que depois de tantos anos, muita emoção. A frase, “Era uma vez...,” era a expressão que as crianças mais gostavam de ouvir, posso afirmar que nunca comecei uma história sem essa frase, como já disse chamava muito atenção, tanto das crianças como dos adultos. Com o Cantinho da Leitura, oferecemos um trabalho dinâmico, produtivo e prazeroso. O professor deve ler para seus alunos e estimulá-los sempre

4.1.4 Professora contadora de histórias (D)

Sou também uma estagiária/professora contadora de histórias (D), natural de Itapaci-Go, residindo na cidade de Uruaçu-Go desde a minha infância, lugar onde também trabalho e estudo, no 8º período de Licenciatura Plena em Pedagogia na UEG (Universidade Estadual de Goiás) e há três anos trabalhando na Educação Infantil, 2º Ano, numa escola pública estadual.

Minha admiração pela contação de histórias se deu ainda na infância. Recordo-me com muita clareza, que meu pai, um senhor de família humilde, com muito pouca leitura, mas com riqueza na alma, tinha como poucos, a arte de inventar e contar histórias, os causos antigos que na maioria das vezes, eram criados por ele mesmo.

Recordo-me que aos finais de tarde, ele chegava do trabalho, cansado muitas vezes, mas sentia prazer em nos reunir, eu e meus irmãos, todos ao seu redor para contar mais uma de suas histórias, causos antigos, ou até mesmo da época; fazíamos uma roda em volta dele, e ali viajávamos em suas histórias, por vezes tristes, ou alegres, apavorantes de dar arrepios e outras lindas como nos contos de fadas, era prazeroso ouvi-lo, pois apesar da pouca leitura, tinha toda entonação e contava com a alma. Quando eu e meus irmãos dávamos por conta estávamos viajando nas suas histórias, ele vivia aquele momento como se fosse um verdadeiro personagem.

Cresci ouvindo os contos dele e isso me fez apaixonar pela contação de histórias, algumas ficarão gravadas na minha memória para sempre, onde quer que eu esteja vou sempre lembrar as histórias por ele contadas. E essa experiência enquanto profissional me foi muito útil, pois quando fui para a sala de aula não encontrei dificuldades em colocar em prática a contação de histórias, porque estava desenvolvendo ali algo que para mim além de ser prazeroso, fazia parte de minha própria vida.

Não vejo o momento da contação de histórias como apenas a leitura de um livro literário, vai além; decifro a contação de histórias como um momento de interação, indagação e aprendizagem, pois a partir do que ali é contado procuro desenvolver com meus alunos, por exemplo, a interpretação do texto lido, produção de outro texto dentre outros; concebo esse momento como aprendizagem para o aluno. O ambiente em que a história vai ser contada também deve ser levado em

conta, procuro adequá-lo ao tema escolhido, além de procurar escolher as histórias de acordo com a realidade do público que estou trabalhando.

Em sala de aula, logo depois da acolhida, preparo o cantinho da leitura para que meus alunos sintam-se realmente num ambiente preparado para a leitura, costumo colocá-los sempre em roda, sentados num tapete, bem a vontade com a atenção voltada somente para mim. A primeira coisa que faço é destacar o autor (a) do livro, a capa do livro e a história que será lida; em seguida começamos juntos a viajar num mundo de imaginações, percebo o quanto minhas crianças sentem prazer em me ver em cena, pois procuro falar com convicção de que a história contada é real, busco aperfeiçoar a entonação de voz e ritmo dos fatos, destaco sempre as palavras desconhecidas encontradas no texto, deixando claro o significado de cada uma delas para que possam ter um melhor entendimento dos acontecimentos, desenvolvo com eles questionamentos relacionados à história, para instigá-los a praticar o hábito da leitura. Nas sextas feiras costumo mandar para casa um livro, para que o aluno o leia e preencher a ficha literária, com todas as informações contidas no livro, na semana seguinte deverão apresentar para os colegas, o que entenderam da história, recontando-a com suas próprias palavras, por isso a importância de serem escritos livros simples e com contexto histórico relacionado ao convívio de uma infância familiar como chamava atenção Monteiro Lobato, já no ano de 1921.

Na contação de histórias devemos considerar que as crianças não conhecem o livro, ou conhecem a história de outra forma, não como está sendo contada pela professora, por isso a necessidade de mandar os livros para a criança fazer uma leitura mais ampla em casa, assim com calma irá aprofundar mais e entender com mais clareza o desfecho da história.

Como disse a contação de histórias, além de fazer a criança sorrir, dar gargalhadas e também encantar é um instrumento de aprendizagem, eu particularmente utilizo a contação de histórias para desenvolver com meus alunos a produção de texto, uma tarefa vista pela maioria das crianças como algo assustador, mas percebo que tive sucesso nas produções de texto utilizando a contação de histórias.

Sinto-me frustrada quando vejo professores que ainda não conseguem sentir o gosto pela leitura, e conseqüentemente não têm o prazer em contar histórias, deixando seus alunos carentes da literatura infantil. Para mim, ter crescido ouvindo

histórias ajudou bastante a desenvolver um bom trabalho na minha carreira como educadora em relação a leitura. A contação de histórias faz parte da vida escolar da criança.

4.2 Analisando os relatos: quando a teoria e a prática se encontram

Diante dos relatos feitos acima se observa que as professoras A, C e D vêem a contação de história como uma atividade de mediação entre a leitura e o aprimoramento do conhecimento dos alunos, tanto no convívio social e educativo, sendo incentivados na interação e participação das histórias ouvidas.

Tais professoras se dizem apaixonadas pela contação de história, encarando esta ação como um ato de benevolência, de doação, em que o contador da história, sente extrema necessidade de se dar de presente, ofertar ao outro esse momento de prazer ao ouvir a história contada, ressaltando, porém que a história deve ter uma linguagem simples relacionada ao convívio familiar, como afirmava Monteiro Lobado que, “revelava a preocupação em escrever história para as crianças numa linguagem compreensível e atraente, um objetivo plenamente buscado” (MORALES, PAPALÊO, GOULART, Et AL, 2001, p.27) alcançado pelo autor.

[...] o professor é mediador entre as crianças e os objetivos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens [...] o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável (BRASIL, 1998, p. 30, v. 1, s/d).

É ressaltado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) que os professores têm influência na aprendizagem dos alunos, e ao longo dos tempos os pedagogos perceberam que o papel fundamental da contação de história se inicia no ouvir a narração, pois em sala de aula ocorre a diversidade de cultura entre os alunos, alguns só passam a ter contato com as histórias de livros, somente quando ingressam nas escolas, aí também é um momento apropriado para o contato com a contação de história, para aqueles que não tem referência de influências familiares quanto a isso.

A literatura infantil passa a ser útil na contextualização e mais produções textuais da sala de aula, uma vez que a narração da história encanta as crianças

que esperam ouvir algo que vivencia no seu mundo, de tal forma que se entusiasme para recriar a história do seu modo e conseqüentemente aos poucos chegará a fase da leitura que é o objetivo principal.

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima, mas da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida. Acreditam em monstros, fadas, duendes e em todos os seres que os adultos inventam para elas. Se contarmos a ela que a empregada entrou voando pela janela, montada em um cavalo branco, as crianças acreditarão e serão capazes de fazer o mesmo. (BETTELHEIM, 2004 APUD SILVA, 2013, P.25).

Como relatada pelos autores, a fantasia é um meio em que a crianças começam ter contato com o seu mundo real, assim, sendo as escolas começaram cada vez mais empenhadas em introduzir a contação de histórias, para estimular os alunos na hora de produzir um texto, e ler o que produziu. Devem também buscar a diversidade nos contos que a serem trabalhados em sala de aula, fazendo com que sintam prazer em ouvir e ler um texto, assim praticando em sua vida social, pois as crianças que escutam história deste sua infância tem ajudada a formação do raciocínio mais rápido por meio de sua imaginação, e em sua vida adulta torna mais fácil a resolução de problemas tanto no trabalho quanto em sua vida pessoal. Como revela Almeida:

[...] a formação do hábito da leitura. Como todos sabemos, as narrativas orais são decisivas para o fortalecimento da imaginação e da capacidade criadora. [...] e também, atenta à aplicação prática do assunto, no empenho de destacar a contribuição das histórias imaginadas para o desenvolvimento do potencial criativo e da experiência existencial da crianças e do adolescente. (2012, p. 05)

Almeida (2012) procura destacar que a imaginação das crianças AS acompanha até quando estão adultos e quando não bem trabalhados na infância prejudica sua vida adulta.

Com já relatado pela professora B, que diz não ter prática, entusiasmo; nem aptidão para a contação de histórias, ressaltando, porém não ter tido a oportunidade da vivência com a contação de histórias em casa durante a infância, é sabedora de que o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através das vozes

de pessoas da família, como mãe, pai, avós, enfim, pessoas com as quais conviveu, contando histórias, lendas, poemas ou até mesmo inventados no momento do sono do bebê. Esse primeiro contado com a contação de história ajuda os ajuda a terem o entendimento de que tudo pode ser modificado se eles quiserem, não ficando somente no que compreende como ser bom para sua vida.

O primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando eu era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites, antes de eu adormecer, como se fosse um ritual... Lembro-me de sua voz contanto “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação à casa da bruxa, sempre sendo construída com todas as comidas que eu gostava... Havia outras, onde eu era a personagem principal, que ela ia inventado ao sabor dos acontecimentos de cada dia... Um salgueiro que ela dizia chamar-se Fanny porque chorava muito, como eu, e até hoje recordo da minha genuína decepção ao descobrir que não era igual ao meu o nome da tal árvores... Acalentava-me com variações de a “Mindinha”, de Andersen, que eu adorava por ser uma personagem petitinha de tamanho, como eu, e todos os objetivos que a cercavam serem diminutos. (a identificação com a personagem era total!). (ABRAMOVICH, 1994, p. 10).

Como demonstrado pela autora, o lúdico é um modo especial de ensinar as crianças à compreensão dos conteúdos, tanto em sala de aula com em seu convívio familiar. Talvez por isso esta professora entrevistada, não utilize o recurso lúdico na sala de aula, por acreditar ser uma obrigação familiar e não escolar. Mas esse pensamento a faz enfrentar maiores dificuldades com prática da leitura pessoal e para motivar seus alunos, pois se percebe que uma vez que criança não é estimulada com prazer, ao perceber o desinteresse do mediador pode vir a criar em si um bloqueio, acentuando a timidez para ler textos em público; todo esse contexto é consequência de uma infância vazia, sem nenhuma história para relatar na sua vida adulta.

[...] a literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos com a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização. (COELHO, 1997, p. 35).

Coelho acredita que toda criança tem que ter contato com a contação de história, pois é uma maneira de fazer com que tome gosto pela leitura, pois terá aberta a possibilidade de viajar na imaginação, acabando por despertar o interesse

pela literatura infantil.

Lembrando Monteiro Lobado,

Todas as crianças têm que ter contato com as diferentes narrações que existem no mundo, pois foi em cima dos antigos clássicos históricos que ele criou suas novas histórias, então qualquer pessoa pode construir sua história, só precisa usar sua imaginação para começar a criar. ((MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001, p. 41)

A contação de história é a porta de entrada que a criança tem para conhecimento do mundo, e é através dela que se desenvolve a literatura, e não somente como meio do ensinar os alunos a ler e escrever, mas também como instrumento de comunicação entre as várias épocas que foram escritos os livros ou também o motivos da época que esta ocorrendo a história.

Todos os professores devem buscar compreender que quando se fala de contação de história não é somente pensar em um momento em que a criança sorri, chora, gargalha, mas que, como público alvo para a aprendizagem, sem querer está construindo seu conhecimento de uma forma lúdica e prazerosa, e sentindo-se motivada para recontar a história que acabou de ouvir.

Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades. Histórias são narrações de acontecimentos ou situações significativas para o conhecimento da evolução dos tempos, culturas, civilização, nações, etc. Não é mera exposição de fatos, mas resulta de uma indagação inteligente e crítica dos fenômenos que tem por fim o conhecimento da verdade. (COELHO, 1997, p. 21; 85).

Lembrando ainda Monteiro Lobado ((MORALES, PAPALÉO, GOULART, Et al, 2001), a contação deve ser variada, a partir das raízes da criança, enfatizando sua infância simples e natural e para que a contação de história, se fortaleça no contexto escolar, dentro da sala de aula, o professor mediador, precisa estar em constante aprimoramento, buscando sempre inovações para o trabalho com as histórias a serem contadas para seus alunos. E para que esse recurso venha a ser desenvolvido no cotidiano da criança, vale ressaltar que o se espera dentro de uma educação voltada para o compromisso da leitura e a produção de textos, é a participação efetiva do professor ao mediar o processo de ensino e aprendizagem,

tanto para uma educação do ensino de qualidade, passando por aí, o ler e escrever do seu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho concedeu a sua autora enorme satisfação. Durante a realização do trabalho teórico e entrevistas desenvolvidas, despertou o interesse pela busca de um conhecimento mais efetivo sobre a contação de histórias, num contexto mais amplo que vai desde a infância na pré-escola a fase adulta.

Ao observar nas pesquisas, que na década de 80 os livros infantis não eram vistos como forma de encantar as crianças com os textos escritos, considerados somente como produto de consumo; e ao longo do tempo foi se aperfeiçoando e aumentando as variedades textuais, valorizando a Literatura Infantil na contextualização de textos variados, fica ressaltada sua importância.

As escolas devem oferecer subsídios e abrir suas portas, não somente para a educação infantil, mas também para, as séries iniciais, uma vez que a contação de histórias abrange todo tipo de público, independente de que fase da vida se encontra, podendo despertar nesses ouvintes magia e paixão ao se deixarem envolver num mundo de fantasias, saindo muitas vezes da dura realidade vivida.

É importante ressaltar que o professor em sua sala de aula deve utilizar a contação, não somente como uma história para o aluno se distrair, mas como um complemento a mais, pois pode ser nesse momento que conseguirá do aluno um maior envolvimento com o que acontece na aula, momentos de expor tudo que a história conseguiu retirar de dentro do seu interior; sentimentos de raiva, medo, tristezas, dor e de muitas alegrias, abrindo oportunidades para o professor nesse momento instigar a criança a produzir textos, criar e recontar histórias, uma vez que a mente está cheia de ideias e imaginação.

É prazeroso no momento da contação poder ver cada criança acompanhar a narração com o olhar, esperando o final de a história chegar, e ouvir cochichos entre eles se questionando como será o final dessa história.

É nesse momento que educadores poderão tirar conclusões do quanto é importante estarem sempre buscando se aperfeiçoar e inovar sua prática através também na contação de histórias, com novos repertórios, novas histórias.

A maior parte das crianças vê a contação como um momento único na sua vida; é a partir daí que começa a criar seu imaginário, tendo uma nova concepção de vida; por isso a importância de se preparar o ambiente. O Cantinho da Leitura

veio para dar um suporte nesse aspecto, pois traz na sua característica um clima de encanto e de magia, levando a criança para um mundo de fantasias.

Vendo por outro ângulo, é sempre um desafio para o professor conseguir encantar as crianças, concorrendo com as tecnologias por exemplo. Podemos observar que a televisão através de desenhos e animações atrai e prende a atenção das crianças diante das telinhas, dando vida aos desenhos infantis, podemos citar: A galinha Pintadinha, Patati-Patatá, dentre outros.

Toda essa oferta da mídia só dificulta a vida dos professores contadores de histórias, que cada vez mais vêm se sentindo pressionados a se aperfeiçoarem para conseguirem envolver as crianças no momento da narração, facilitando a linguagem, mostrando movimentos e dando vida aos personagens através da fala, causando um impacto convincente no público ouvinte.

Diante dos estudos realizados na pesquisa de campo desenvolvida, ao analisar a fala dos profissionais contadores de histórias no momento das entrevistas, dos questionamentos e de seus relatos, a paixão e o envolvimento pela contação de histórias.

Nas entrevistas de cada contadora, o prazer em relatar suas experiências com a contação de histórias. Porém foi forte poder acompanhar o relato de uma das professoras, de Educação Infantil, que em sua entrevista fez um como que um desabafo, confessando que não se sente motivada a contar histórias para seus alunos, talvez por não ter sido instigada quando ainda era bebê, ainda nos braços de sua mãe e hoje sofre por essa carência na sua vida profissional.

Diante dos relatos que colhidos durante a pesquisa de campo, revelou-se a necessidade da contação de histórias na vida da criança ou pessoas alfabetizadas ou não, tornando-se urgente o resgate de espaços como o Cantinho da Leitura e uma preparação contínua dos professores, através de capacitações sobre a contação de histórias, para que se sintam mais preparados, sabendo escolher as histórias a serem contadas e a melhor forma de contar essa história, trazendo para si um entusiasmo e um envolvimento capaz de atrair seu principal público, seus alunos.

O estudo aqui desenvolvido teve a intenção de reafirmar que a contação de histórias é uma estratégia de aprendizagem carregada de significados na vida da criança, contribuindo na formação de adultos críticos e reflexivos.

A contação de histórias faz parte da vida escolar das nossas crianças, e

precisa continuar a ser trabalhada; precisa fazer parte do planejamento escolar, e ganhar status de disciplina na licenciatura Pedagogia.

O desejo é que a pesquisa trabalhada seja importante, não apenas para a formação da pesquisadora, através das experiências vividas e relatadas por contadoras de histórias que somaram para seu crescimento, e dos estudos teóricos realizados, mas motive também aos contadores de histórias que estão nas salas de aula, voltando a contar e encantar alunos.

6 BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices** – Brasília: Scipione, 1994.

ALMEIDA, Veridiana. **Literatura infanto/juvenil**. Curitiba: Fael, 2011.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, s/d, v. 1. portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço** – 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Maria Betty Silva. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. 7ed. São Paulo: Ática, 1997.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LITWIN, Edith (org.); SCHEIMBERG, Martha; ROIG, Hebe. **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 e, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

MORALES, Frieda Liliana Barco; PAPALÉO, Marília Fichtner; GOULART, Zíla Letícia Pereira Rêgo; Et al. **Era uma vez... na escola: Formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. 6 ed, Porto Alegre: Artmed, 1998. (tradução: Cláudia Schiling)

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 8 ed. São Paulo: Global, 1994.

7 WEBGRAFIA

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, s/d, v. 1. portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf. Acesso em agosto a outubro de 2014.

VILARINHO, Sabrina. **O Cantinho da leitura – um momento para relaxar**. http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/o-cantinho-leituraum_momento-para-relaxar.htm. Acessado em 13 de setembro de 2014

Wikipédia. **Galinha Pintadinha: um projeto infantil**. http://pt.wikipedia.org/wiki/Galinha_Pintadinha. Acessado em 15 de novembro de 2014.

WIKIPEDIA. **Limbo**. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Limbo>. Acessado em 10 de novembro de 2014.

ANEXOS

ACEITE

Vimos através deste, solicitar permissão para que a (o) acadêmica (o) _____ venha desenvolver atividades nesta unidade escolar, a título de enriquecimento de seu trabalho de conclusão de curso, referente ao 4º ano, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás.

Destacamos a importância de tais atividades para a formação profissional de nossos acadêmicos e, desde já, nos colocamos a inteira disposição para prestar quaisquer esclarecimentos que se tornarem necessários.

Atenciosamente,

URUAÇU, ___/___/2014

Professor (a) Orientador (a)

Acadêmico (a)

Aceite do (a) Gestor (a)

ACEITE

Vimos através deste, solicitar permissão para entrevistar e posteriormente disponibilizar para publicação a entrevista a ser realizada pelo (a) acadêmico (a) _____, a título de enriquecimento de seu Trabalho de Conclusão de Curso, do 4º ano, de Licenciatura Plena em Pedagogia deste Campus Universitário, para a monografia intitulada _____

Destacamos a importância de tais atividades para a formação profissional de nossos acadêmicos e, desde já, nos colocamos a inteira disposição para prestar quaisquer esclarecimentos que se tornarem necessários.

Atenciosamente,

URUAÇU, ___/___/2014

Profª/Especialista/ Orientadora de TC

Aluno (a) Orientando (a)

ACEITE DO (A) ENTREVISTADO (A)

APÊNICES



TRABALHO DE CAMPO PARA ENRIQUECIMENTO DO TCC

Roteiro de Entrevista com Professoras Contadoras de Histórias e Professoras Regentes de sala de aula

- 1 Como a contação de histórias entrou na sua vida? E a vontade de trabalhar como professora com a contação de histórias?
- 2 Você acha que o professor, para desenvolver essa prática em sala de aula, tem que ser um apaixonado pelas histórias, sejam elas contadas através de qualquer linguagem?
- 3 Por que as escolas já não promovem eventos de Contação de Histórias e consequentemente os professores não se sentem motivados a desenvolver esta prática?
- 4 Será que as escolas deveriam desenvolver trabalhos com professores que se identificassem com essa prática de contação de histórias, junto aos alunos e aos próprios professores?
- 5 Em sua opinião, qual o papel da contação de histórias na formação do leitor?
- 6 Como se dá a interação com o público durante a contação de histórias? Ele deve ser instigado a participar e/ou interagir com as histórias? Fale um pouco de sua experiência com o público na contação de histórias.
- 7 Quais são os benefícios da contação de histórias para a vida das crianças, também na vida adulta?

- 8 A contação de histórias pode impactar nas relações familiares? Isto é, favorecer o estreitamento dos laços familiares entre pais e filhos? Como esta relação acontece?
- 9 O que fazer quando as crianças não se interessam pela leitura? Como estimulá-la e tornar a leitura um hábito?
- 10 Você sente alguma dificuldade quando está contando a história? Qual?
- 11 Quais as estratégias que você usa para contar uma história?
- 12 Quais os recursos que você utiliza para deixar as pessoas que estão ouvindo mais atentas?
- 13 Que conselho você daria a alguém que quer contar uma história?
- 14 Encerando nossa conversa gostaria de saber o que frases como Há muitos e muitos anos..., Era uma vez..., Em um lugar distante daqui... Causam na senhora, professora, depois de tantos anos



FOTO - 1: Professora Contadora de Histórias "A"
Crédito: Elizângela Portes



FOTO - 2: Professora Contadora de Histórias "A"
Crédito: Elizângela Portes



FOTO - 3: Professora Contadora de Histórias "A"
Crédito: Elizângela Portes



FOTO - 4: Professora Contadora de Histórias “C”
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 5: Professora Contadora de Histórias “C”
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 6: Professora Contadora de Histórias “C”
Crédito: Gustavo Cesar

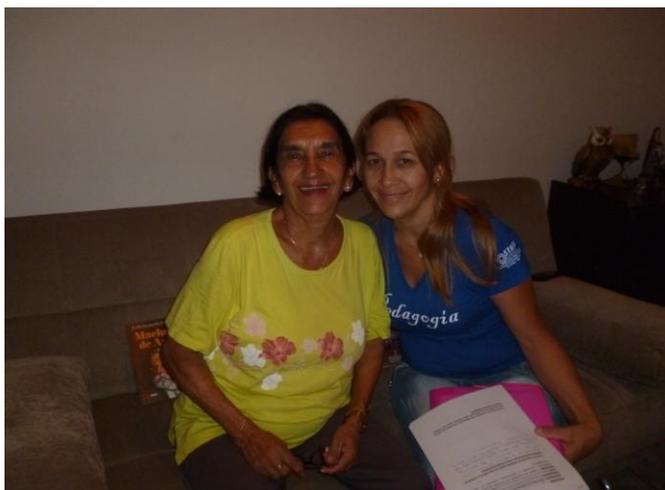


FOTO - 7: Professora Contadora de Histórias "C"
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 8: Professora Contadora de Histórias "C"
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 9: Professora Contadora de Histórias "C"
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 10: Cantinho da Leitura
Crédito: Aparecida Edilene



FOTO - 11: Professora Contadora de Histórias "D"
Crédito: Gustavo Cesar



FOTO - 12: Professora Contadora de Histórias "D"
Crédito: Gustavo Cesar